OS SUCESSORES

Sandra Russo

OS SUCESSORES

VOLUME II

Edição do autor

São Paulo, 2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

R969s Russo, Sandra

Os sucessores: volume 2 / Sandra Russo. - São Caetano do Sul, SP : Sandra Regina dos Santos Russo, 2019.
364 p. ; 14cm x 21cm.

Inclui índice.
ISBN: 978-85-906499-1-5

1. Literatura brasileira. 2. Romance. I. Título.

CDD 869.89923
2019-575 CDU 821.134.3(81)-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura brasileira : Romance 869.89923
2. Literatura brasileira : Romance 821.134.3(81)-31

Dedico este livro ao ator Rubens de Falco (in memorium).

Agradeço a Mércia Barusso por ter lido todo o manuscrito, comentários e valiosas sugestões.

Agradeço à Maria de Lourdes Vechia, minha professora de português.

Ao amigo Cláudio Feldman pelo incentivo.

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.

No volume anterior, o diretor de patrimônio da Petra, Jardel de Freitas, escapa de um atentado contra sua vida.

Principal interlocutor da empreiteira, ele viaja para Tóquio para participar de um torneio sigiloso de artes marciais, um encontro promovido para os associados de todo o mundo.

Jardel não é um mero empresário, mas ocupa um alto grau no edifício ritualístico brasileiro.

No retorno, cabe a ele inaugurar uma ONG na região amazônica, onde a construtora Petra tenta expandir sua influência.

Durante o evento, ele se apaixona por Letícia, uma ambientalista local, sem desconfiar que o irmão dela estivesse envolvido em seu sequestro.

Após o casamento, aos poucos, Letícia descobrirá que Jardel lidera uma organização secreta e controla o destino de todos ao seu redor.

SUMÁRIO

CANAVIAL 11
CASA 39
BRILHO 79
DISCIPLINA 114
METAMORFOSE 150
MANDALA 186
CONSELHO 219
FILIAL 254
HOMENAGEM 288
RENÚNCIA 324

CANAVIAL

Letícia acordou bem disposta.
Após o café da manhã, Evandro e Péricles chegam à recepção do hotel, prontos para levá-la até a construtora.
O trânsito confuso e ensurdecedor é uma novidade para ela.
O carro confortável e veloz assemelha-se a uma seta que atravessa as ruas movimentadas da cidade.
Não demora muito, o prédio da Petra surge majestoso, fincado numa das laterais da Marginal Pinheiros.
A placa é lida eletronicamente liberando a entrada.
Acessam o elevador rumo ao décimo quinto andar.

Evandro apresenta a futura senhora Freitas às secretárias da diretoria.
Enquanto aguarda ser anunciada, Letícia observa o passeio matinal dos cavalos no jóquei-clube da cidade, uma tira verde em meio ao concreto.
– A senhora pode entrar – comunica Ivone.
Jardel destrava a porta de sua sala.
Ela nunca o tinha visto em seu ambiente de trabalho e ele parece ainda mais atraente. O todo-poderoso Jardel comanda uma empreiteira de renome, mas lhe pertence. Jardel se levanta e vem ter com ela.
– Olá? Dormiu bem? – beija-lhe carinhosamente a face.
– Dormi; meu amor! Eu não ia para a sua casa?
– Quero me preparar melhor para lhe receber.
– Que bobagem! Para que tanta coisa?
– Gostou da minha sala?
– Do prédio todo. Estou deslumbrada!
– Não quer se sentar? – oferece puxando-lhe a cadeira.
Jardel retorna para a sua poltrona de couro estofado azul.
Não sabe como lidar com uma mulher após tantos anos.
Sente-se inseguro. Tenta não transparecer.
– Nós precisamos conversar sobre um detalhe.
Ela percebe que ele está nervoso. Jardel passa a gaguejar.
– Eee…uuu…como… – engole seco – colocar isso. É que… depois de nos casarmos, continuarei dormindo sozinho na minha cama.
– Como assim, dormir sozinho?!
– Eu sou muito espaçoso, eu sinto muito calor. Não vou me adaptar a dividir a minha cama. Eu também manterei minhas roupas separadas das suas e… – olha encabulado para ela.
– E? – estimula-o Letícia.
– E tenho umas manias, sabe?

– Trocando em miúdos, eu cheguei para desorganizar a sua vida.
– É, mas eu não sei mais viver sem você, tampouco – finaliza Jardel aglutinando as palavras o mais rápido possível.
Aliviado vê um sorriso na face dela.
– Esta é a declaração de amor mais sem pé nem cabeça que eu já ouvi!
– Não me disse se aceita.
– Não aceitei casar sem enxoval, sem conhecer a casa? Jardel, você está querendo desistir?! – pergunta assombrada.
– Não! Claro que não! Mas é que eu não convivo com ninguém há tanto tempo. Sinceramente eu não sei como vamos nos acertar.
Ela se levanta. Coloca-se atrás dele e passa a massagear-lhe os ombros.
– Você está tão tenso! Parece um adolescente me dizendo estas coisas: não mexa na minha bola de futebol, não jogue fora aquele calção velho que eu gosto tanto.
Desliza suavemente as mãos sobre o peito dele, sobre a camisa sentindo a suavidade do tecido, os músculos bem torneados, rijos. Passa a mão direita por debaixo da fina gravata de seda tentando auscultar as batidas do coração dele.
– Será como tiver que ser. Eu amo você do jeito que você é.
Escuta-o respirar mais profundamente. Abraça-o com mais força. Jardel contabiliza quantas pessoas matou. Seu olhar foca o vazio.

•

Deigles deixa sua sala e aproxima-se da mesa das secretárias.
– Então, meninas?
– Ela é muito simpática, Dr. Deigles – opina Ivone.
– Eu também achei – concorda Zulma. Um encanto de pessoa.
– Coitada! – evoca Magda. Não sabe a arapuca em que caiu. Não dou três semanas para ela pedir a anulação do casamento.

– Onde será a lua de mel? – pergunta Deigles.
Magda estende a mão vazia para ele.
– Duzentos dólares.
– Mas que exploração! – reclama o vice-presidente.
– Eu não trabalho de graça – avisa Magda.
– Nem mesmo por uma causa tão nobre como esta?! – brinca Deigles, fingindo espanto.
– Ele não pediu para nenhuma de nós fazer essa reserva – reclama Ivone. Como você descobriu?
– Praia do Forte Eco Resort. O roteiro está na segunda gaveta da escrivaninha dele.
– Ah! Que decepção! Pensei que fossem para o Havaí.
– Ele não pode ficar tanto tempo fora – elucida Deigles. Nós lhe concedemos apenas uma semana. Eu tinha certeza de que ele escolheria um resort bem próximo.
– Ah! A Bahia fica logo aí! – debocha Ivone. Como essa gente rica é metida! – adenda colocando a mão na cintura e medindo Deigles dos pés à cabeça. Logo aí é a Praia Grande, caso o senhor não conheça.
Jardel mostra os prospectos do resort para Letícia.
– É fabuloso! Adorei!
Letícia beija-o na boca. Deseja mais.
– Estou trabalhando – esquiva-se colocando tudo novamente dentro da gaveta. Agendei um jantar num restaurante grego para esta noite e amanhã cedo irei pessoalmente buscar você no hotel.
– E a surpresa que você disse que tinha para mim?
Jardel hesita – Só no dia do casamento.
– Quanto mistério!
– As alianças ficaram prontas e temos que ensaiar a cerimônia.
– Tudo acertado, então? Quantos convidados teremos?
– Uns trezentos.

– Tanta gente assim?!
– Tivemos de convidar alguns políticos. Empresários.
– Esqueço que você é uma pessoa de renome. Espero não decepcionar.
– Não se preocupe. A maioria é de funcionários da própria construtora.

•

O altar está ornado com gramíneas de alto a baixo e flores nas laterais.
Bira ajeita a gravata. Murilo provoca-o.
– A canoa chegou bem na hora, hein?
– O que eu deveria de fazer é interromper esse casamento e encher a cara do Jardel de sopapo.
– Psiu! Estamos numa igreja! – queixa-se Cecília, de braços dados com Marcos.
Jardel aguarda a noiva no altar, visivelmente nervoso.
– Ele está tão abobalhado que chega a dar pena – comenta Magda, trajando um vestido lilás com laço.
– Estou tão emocionada! – balbucia Ivone, enxugando a face molhada com um lenço.
– Agora você perdeu de vez a esperança de casar com o Jardel, hein, Magda? – brinca Rosana.
– Eu nunca tive esta esperança – nega Magda abertamente.
– Em compensação, o Vinícius está um gato – cochicha Rosana.
Magda olha para o assessor de Jardel com segundas intenções.
A marcha nupcial começa a ser executada e todos se colocam em pé.
Letícia caminha sorrindo, sendo levada até o altar pelo irmão, Lucas.
– Lá a ovelha para o matadouro – estraçalha Magda.

– Dá para parar com esses comentários maldosos? – exige Ivone.
Várias mulheres falam do vestido ou da noiva, do tipo de tecido ao comprimento, dos acessórios à maquiagem.
Os homens não notam nada de anormal.
Alguns nem sabem o que estão fazendo ali.
Depois da cerimônia religiosa, todos passam para um salão contíguo, onde mesas estão postas para o jantar de gala e uma banda toca músicas da década de setenta.
No centro do saguão, os noivos recebem os cumprimentos e são fartamente filmados e fotografados.
Autoridades de vários setores da sociedade comparecem ao evento.
A fila de amigos parece interminável.
Jardel e Letícia irradiam felicidade.
O jantar transcorre perfeito. O casal Hypotenusa e Zulma atesta a qualidade provando de todos os pratos.
À meia-noite os noivos dançam a valsa. Logo depois, amigos picotam a linda gravata branca de Jardel, leiloando os pedaços em troca de moedas de dez a cinquenta centavos.
Todos disputam um restinho da gravata do chefe.
A seleção musical fica mais animada e os jovens caem na dança.
Muitos são para Jardel como se fossem seus filhos.
O evento se estende até às quatro e trinta, quando os últimos convidados se despedem.
Lucas aproxima-se de Letícia – Felicidades!
– Não poderia imaginar que você fosse a surpresa que Jardel reservara para esta noite. Vocês me enganaram direitinho!
Letícia toca de leve no peito do irmão.
– E eu pensando que você ainda estivesse no hospital.
– Seja muito feliz – despede-se Lucas comportando-se como um verdadeiro cavalheiro.

Ela não percebe que Awsféber e Vinícius estão na marcação de Lucas.
Finalmente permanecem Jardel, Letícia, Péricles, Deigles, Gerd e Olson, além dos músicos que estão desmontando os equipamentos.
Jardel senta-se exaurido. Letícia pede licença para ir ao toalete.
– Jardel? – chama Deigles.
– Sim?
– Não poderia deixar de lhe dar o meu presente – mostra-lhe um envelope de Viagra.
Olson, Péricles e Gerd riem.
– Não recuse, que você pode precisar – complementa Deigles.
Jardel certifica-se da ausência de Letícia – Eu me garanto.
– Nunca se sabe – emenda o vice-presidente colocando o envelope no bolso do paletó do nubente. Outra coisa – cochicha Deigles chegando mais perto. O Dalcídio vai te acompanhar na lua de mel? Ele está desolado! Se eu fosse você, contava logo para ela, que você joga nos dois times.
Jardel aceita a brincadeira.
– É melhor dar um tempo para o Dalcídio se habituar.
– Vão direto para o aeroporto? – pergunta Gerd.
– Não. Dormiremos aqui no hotel e embarcaremos amanhã.
Deigles se levanta, despedindo-se com um tapinha nas costas de Jardel.
– Não esqueça o comprimido.
– Você usa sempre? – provoca Jardel.
– O dia em que eu precisar disso a terra para – assegura Deigles.

•

Zofar observa a neve nos picos das montanhas.
Os Alpes parecem incorporar a eternidade.
Fernando irrita-se ao encontrá-lo em sua sala.

– O que faz aqui?!
Zofar volta-se sorrindo – Trouxe os jornais da manhã. Os brasileiros.
Fernando observa que um exemplar está dobrado sobre a sua mesa com a página aberta na coluna social.
– "Diretor da Petra casa-se em grande estilo" – lê Fernando em voz alta, observando uma foto de Jardel e Letícia ao lado da matéria.
Fernando coloca o jornal de lado.
– Como estão as coisas na alfândega?
– Amanhã cedo devemos receber mais três corpos.
– É de quanto tempo ainda precisamos para finalizar a fórmula?
– Não sei. Os pesquisadores reclamam da qualidade dos cadáveres: muito raquíticos. Geralmente a causa mortis é uma parada cardiorrespiratória.
– E que tipo de cadáveres esperam que consigamos? – ironiza Fernando.

•

A cana está exuberante cobrindo o campo sob um céu azul sem nuvens.
A temperatura à sombra é de trinta e sete graus.
Raimundo amolda-se àquele exótico uniforme: botina com biqueira de aço, perneiras de couro até os joelhos, luvas, lenço no pescoço, calça de brim e camisa de manga.
De repente, ao seu lado, um homem começa a manifestar sintomas parecidos com um ataque nervoso.
As câimbras avançam rapidamente das mãos e pés para as pernas e alcançam o tórax. Após as convulsões ele entra em óbito.
Raimundo não pode parar, senão não atinge sua meta de corte e pode vir a ser dispensado pelo usineiro.

Separa o palmito e amontoa os feixes ignorando que destino foi dado ao corpo do colega.

•

Entre os presentes que Tomiko recebe destacam-se um anel de pérola, um tonel de salgueiro cheio de saquê, madeira nobre que representa a maleabilidade e a doçura.
Um laço branco desejando que o casal permaneça junto até a velhice.
Ela retribui com um lindo prendedor de gravata.
Tudo é muito formal, com hora marcada, tanto para iniciar como para terminar.
Com esta troca de presentes, o noivado está selado.
As famílias despedem-se. Dentro de um mês estará casada.
O custo do casamento provavelmente chegará a três milhões de ienes.
As noivas japonesas usam inúmeros trajes durante a festa. A cada troca de roupa, muda-se também o penteado e a maquiagem.
Quanto mais quimonos e vestidos diferentes, mais ricas são as famílias.
Tomiko encomendou quatro quimonos especiais para a ocasião.
A cerimônia será realizada num bonito templo xintoísta. Ela e seu futuro marido resolveram economizar no bolo, que será de plástico mesmo. Um bolo de verdade não sai por menos de cinquenta mil ienes.
Descendo da estação do metrô, ela não leva mais que cinco minutos para chegar em casa. A família de seu noivo ainda a considera muito liberal porque trabalha e mora num apartamento sozinha. Ficariam horrorizados se soubessem que um homem a estava esperando, na entrada do seu prédio.
– Enzo Sam!

•

As mãos fortes de Jardel deslizam lenta e suavemente sobre os braços de Letícia. Ambos nus sobre a cama macia trocam carícias sem fim, descobrindo-se e alimentando-se um do outro.
A suíte de setenta e seis metros quadrados dá para uma varanda com rede de frente para a praia.
A luz do sol permeia uma quantidade infindável de coqueiros.
Pássaros gorjeiam e o eco das ondas do mar é uma sinfonia.
Mais beijos e nova cópula bem sucedida.
Jardel vira-se para o lado, satisfeito por ambos terem atingido o orgasmo.
Não vivenciava um momento assim há anos. Sente todos os poros da pele ativados, a adrenalina baixando aos poucos.
Uma sensação de pertencimento aprazível e única.
Letícia quer mais e volta a buscá-lo afoita. Desta vez ele não consegue consumar e ela tem de ter paciência. Exausto, ele cochila em seus braços, desprotegido como uma criança.

•

Há poucos metros dali, o imenso buffet do café da manhã, está montado. O tom dourado predomina em todos os detalhes, das colunas às louças, sendo quebrado pela imensa variedade de frutas, cereais, sucos e pães. O resort está lotado. Deigles enche o seu prato.
– Está saindo da dieta, meu amor! – avisa Elizabeth.
– Deixa eu ver o seu? – exige o marido.
Elizabeth selecionou apenas itens não gordurosos.
– Depois de treze anos de convivência, posso sair da linha – justifica pegando mais um minicroissant.
– Você que não cuide desse corpinho? – alerta, beliscando o abdômen bem definido de Deigles.
– Será que o nosso hóspede ilustre acordou? – deflagra Awsféber.

– Eu não quero nem ver a cara dele quando descobrir toda essa gente aqui – imagina Cilene.
– Ah! Ele merecia uma surpresa à sua altura – atesta Deigles, pegando mais um pedaço de bolo.
– O que você quer saber é se ele deu conta do recado – declara Vinícius.
– Eu apostei um garanhão com o Gerd que no máximo ele consegue dar umas três.

•

Jardel vem para a varanda com jacuzzi ao ar livre e senta-se numa das cadeiras disponíveis. Letícia vem em seguida e senta-se no seu colo.
– Está com fome? – pergunta Jardel ternamente.
– Ruh! Ruh!
– Vou pedir o café da manhã no quarto e depois vamos aproveitar essa praia linda. Finalmente posso ter um pouco de sossego.

•

Na recepção do resort, Magda, Ivone, Cecília e Marcos aguardam que a recepcionista lhe indique seus bangalôs.
– Uau! Da hora! – exclama Ciça.
– O nosso é aqui do lado – diz Magda empolgada, entrando e largando a bagagem de mão. É um desbunde!
– A gente não merece um luxo desses! – culpa-se Ivone.
– Deixa de ser ridícula! – contrapõe Magda abrindo a cortina da vidraça que dá para a varanda. Nós servimos esses burgueses desde os primórdios da civilização etrusca. Nada mais justo.
– O que vocês estão fazendo com o Dr. Jardel é uma sacanagem – fala entrecortando as palavras com riso. – Coitado! Vocês não prestam!
– Só agora que você descobriu?

•

Tomiko serve um delicioso chá verde para Enzo.
Uma amiga dela foi chamada para a tradução.
– Estou comprometida, Enzo. Os convites do casamento prontos. Será num lindo templo xintoísta ao sul da cidade. Mas não posso convidar você. A cerimônia é restrita para alguns familiares.
– Se você não for comigo, saindo daqui vou subir no primeiro edifício que houver e saltar do último andar.
A amiga que traduz o diálogo fica assustada.
– Além de tudo, quer me chantagear?
Anoiteceu e os letreiros de néon piscam por toda parte.
Da janela do apartamento pode se avistar o Tokyo Tocho, o prédio da prefeitura, e muitos outros arranha-céus.
– Você insiste num sonho. Pensa que posso deixar minhas raízes e me aventurar noutro país.
– Prefere que eu venha morar aqui?
– Enzo, volte para o Brasil.
– Diz que não me ama? – exige Enzo aproximando-se dela.
– Meu pai arranjou esse casamento para mim antes de morrer. Devo honrar sua memória.
– Vai mesmo seguir uma tradição e sepultar seus sentimentos para sempre? Jaredusu me deu passagens promocionais. Não posso alterar as datas. Faça as malas, Tomiko!

•

As linhas em que a cana é plantada recebem o nome de ruas.
As usinas pesam e calculam os metros já cortados.
Os trabalhadores carregam os feixes nos braços.
Pesa bastante.
Raimundo observa que no céu está se formando um temporal.
Não dá para fazer nenhuma pausa.

Golpeando, contorcendo, caminhando e flexionando, Raimundo sente o corpo esmorecer. Vai perdendo água e sais minerais enquanto enclausurado naquela roupa grossa.
A chuva cai sobre o campo, mas o trabalho continua.

•

Zofar está diante de Maurice que novamente inspeciona os corpos, buscando qualquer indício de irregularidade para que possa retê-los.
Um funcionário vasculha as genitais e os ânus dos mortos para checar se não há ouro, joias ou drogas.
Enquanto a inspeção meticulosa prossegue, Zofar tenta conter sua ansiedade.
– Por que não me diz de uma vez, o que fazem com esses cadáveres? – pergunta Maurice.
– Já lhe disse: são doados para pesquisas médicas.
Maurice entrega a via de liberação.
– Obrigado – agradece Zofar estendendo a mão sendo flagrado pelas potentes lentes de uma câmera fotográfica.
De onde está Evandro pode fotografar tanto a cabeceira da pista quanto o terminal de desembarque.
Este disfarce de última hora como spotter de uma revista especializada em aviação civil lhe rendeu bons momentos.
Mais um jato da Royal Jordanian acaba de aterrissar.
O tráfego do Oriente Médio é muito expressivo.
São milionários do Golfo Pérsico vindo para a Europa para esquiar, fazer compras ou consultas médicas.
O único problema é o microclima de Genebra. Lá vem mais nuvens e mais frio. É melhor sair desse morrote que dá de para o setor de cargas e procurar abrigo no hotel mais próximo.
Ajeita melhor a jaqueta para proteger-se do vento.

•

Jardel ainda é um homem muito sensual.
Talvez mais interessante do que na sua juventude.
A prática de exercícios físicos possibilita que ele não se sinta constrangido ao expor o corpo em público. A sunga preta caiu-lhe bem.
– Você está mesmo precisando de um pouco de sol – opina Letícia, enquanto caminha abraçada ao marido.
– Creio que sim. Mas por hoje está de boa medida. Vamos voltar?
– Quero tomar um banho delicioso e colocar aquele vestido que você gostou para o almoço – adianta entusiasmada.
Jardel mal presta atenção no que ela diz.
Enquanto Letícia cantarola tomando banho, ele está entediado por não ter o que fazer. Aguarda impaciente que a esposa se arrume.
Ele nem contava mais em almoçar quando ela ressurge, num traje de verão estampado.
– Pensei que tivesse se afogado!
– Demorei tanto assim?
Ele não responde.

•

O casal desponta no saguão principal de refeições, descontraído, servindo-se vagarosamente. Depois da sobremesa resolvem dar um passeio. Acabam optando por um banco à sombra das árvores.
De repente, têm companhia. Deigles e Elizabeth sentam-se de um lado deles; Cesário e Rosana, do outro.
– Mas que calor! – comenta Deigles casual. Só mesmo na sombra para aguentar.
Cesário contém o riso olhando para frente. Jardel sente a pressão subir.

– Felizmente tem muitas opções de lazer por aqui – complementa Deigles. Ainda mais se pudermos desfrutar delas na companhia de amigos, não é mesmo? – pergunta olhando para Jardel.
– Que diabos estão fazendo aqui?
– Eu e o Cesário estávamos com as férias vencidas. Você não deve nem ter percebido absorto que estava com os preparativos para o casamento. Adorei a festa! Foi formidável! Parabéns!
Jardel contém a raiva e engole seco.
– Pode tratar de dar meia volta – ordena irritado.
– Eu não recebo ordens suas quando estou de férias. Faz parte do regulamento.
Cesário ri em voz alta.
– Eu vou te quebrar a cara! – avisa Jardel para Deigles.
Antes que Jardel possa ir adiante com o seu intento, Magda e Vinícius, Ivone, Cecília e Marcos se aproximam.
– Olá chefe! – cumprimenta-o Magda. Mas que coincidência! Como este mundo é pequeno!
Jardel coloca-se em pé.
– Foi você sua megera! Você que informou o meu destino para esse idiota? – frisa, apontando para Deigles.
– Relaxe Jardel se não à noite você decepciona – aconselha Deigles cínico.
– Bem, se vocês não vão embora, eu vou – informa Jardel puxando Letícia pela mão.
– O que está acontecendo, Jardel? – pergunta a esposa enquanto ele a arrasta. Por que está tão nervoso?
O casal se afasta e o grupo se escracha de rir.
– Ele ficou possesso! – resume Cesário.
– Também gente, coitado! – compadece-se Ivone. Nem lua de mel ele pode ter.

•

Jardel arranca as roupas do guarda-roupa e soca as peças na mala que está sobre a cama.
– Mas que inferno!
Letícia não interrompe, deixando que ele extravase toda a sua fúria.
– O que está esperando para arrumar a sua mala?
– Você perguntar se eu quero ir embora? – reclama Letícia com os braços cruzados em sinal de protesto.
Jardel interrompe o que está fazendo.
– Tomou a decisão sozinho. Somos dois agora, lembra-se? – frisa mostrando o número dois com os dedos.
– E tem por acaso outra decisão para ser tomada? Esses cretinos vieram até aqui só para me infernizar!
– Eu não acho – discorda Letícia.
Jardel fecha a porta do guarda-roupa com um movimento brusco.
– E posso saber o que a minha digníssima esposa acha?
– Eles vieram até aqui porque te admiram muito.
Jardel olha para o teto e conta até três.
– É quase como uma homenagem – prossegue Letícia. Eu me sentiria honrada se meus amigos resolvessem aparecer para zoar com a minha lua de mel. Eles têm um senso de humor incrível!
– E eu tenho cara de palhaço, é óbvio – rebate Jardel.
– Eles não vão invadir a nossa privacidade – pondera Letícia. O que há de errado em topar com eles na praia?
– Na praia, na piscina, no café da manhã, no almoço.
Letícia começa a rir – Eles te adoram!
Jardel se acalma e cruza os braços diante do peito. Acaba rindo.
– No fundo você gostou – arrisca Letícia perspicaz.
– Mais ou menos – cede Jardel.
Ele se aproxima e a envolve em seus braços.
– Contudo, se você não se importa…

•

Num dos corredores do moderno hospital Maria aguarda ansiosa por notícias do marido.
Os últimos meses foram tão tumultuados que ela mal teve tempo de assimilar os fatos.
A mudança da família para São Gabriel da Cachoeira com as crianças.
Aquele calor insuportável que ela detesta.
A casa improvisada em cima do templo em construção.
Tarefas intermináveis o dia todo.
Limpar, lavar, cozinhar, ajudar no serviço social da igreja, no culto, nas visitas, na adaptação escolar dos filhos.
Como se não bastasse, o marido acolheu um desertor do exército.
Um rapaz enfermo que ele encontrou na rua.
As discussões por falta de dinheiro.
Será que foi aí que as coisas desandaram no relacionamento conjugal ou depois que a atual esposa do Dr. Jardel de Freitas procurou aconselhamento?
Então, em menos de uma semana, o diretor patrimonial da Petra foi sequestrado, resgatado na selva pelo Exército e retornou para São Paulo.
Júlio começou a sentir dores de cabeça constantes.
O diagnóstico deixou a família arrasada.
Se não fosse o diretor da Petra como eles poderiam pagar uma cirurgia tão delicada e cara?
Seus pensamentos são interrompidos.
Alguns familiares e membros da igreja-mãe vieram dar o seu apoio irrestrito. Grupos se revezam orando sem cessar pelo pastor.
No cair da tarde, o boletim médico que todos esperavam: Júlio sobreviveu.
As placas metálicas foram inseridas para deter o aneurisma.

Quando desperta Júlio vê Maria à sua cabeceira.
Ele sorri para ela – Correu tudo bem?
– Com esse atendimento hospitalar de primeira, dificilmente algo daria errado.
– Só aceitei que a construtora pagasse essa cirurgia porque eu te amo.
Ela se debruça e beija-lhe a testa.

•

Muito distante deste dali e sem nenhum socorro à sua disposição, outro cortador de cana não resistiu ao esforço.
Desta feita, Raimundo encara o morto. Morreu com os olhos arregalados, como se tivesse levado um susto. Tem uma marca de nascença; uma mancha na altura do nariz.
– Com licença! Com licença! – grita alguém.
Dois homens chegam trazendo uma lona.
Pegam o rapaz como se ele pesasse o mesmo de uma folha seca e colocam-no no esquife improvisado.
É tudo. Ora de voltar ao trabalho. Hoje o vento levanta uma poeira amarelada que cega os olhos e seca a garganta.
Raimundo volta para o seu eito e corta a cana bem rente ao chão, porque é ali que se concentra a sacarose, mas não pode atingir a raiz, senão a cana não rebrota.

•

Destampam o caixão que chegou hoje trazido diretamente do Brasil.
O cadáver está protegido por um espesso vidro.
O rosto magro tem uma mancha preta na altura do nariz.
– O que é isso? – pergunta um dos pesquisadores. Alguma doença?
– Não – esclarece Zofar. Um sinal de nascença.

– Isto é ruim. Podem identificá-lo.
– Ele não tem documento, não tem nome. Um trabalhador rural sem importância. Para quando teremos os resultados? – pergunta enquanto acompanha o cientista até o laboratório.
– Para breve, desde que a fiscalização não atrapalhe.
– Como assim? – espanta-se Zofar.
– Um fiscal esteve recentemente aqui.
Zofar fica muito nervoso – Isso não podia ter acontecido!
– De forma alguma o nome do laboratório pode ser vinculado a este experimento.
– Tem nossa palavra! Como era esse fiscal?
– Aparentava uns cinquenta anos. Identificou-se como Louis.
– Você poderia reconhecê-lo?
– Claro. Gravei bem a fisionomia dele.
– Ótimo! Eu acho que sei de quem se trata. Talvez tenhamos um biótipo diferente para lhe fornecer em breve.

•

Todos os funcionários da Petra que estão hospedados no Eco Resort aproveitam uma das piscinas naturais em pleno mar.
O verde translúcido dos arrecifes contrasta com as praias semidesertas cercadas de dunas e coqueiros, uma visão inesquecível.
Magda, Vinícius, Ivone, Marcos, Cecília, Deigles, Elizabeth, Cesário, Rosana fazem companhia a Jardel e Letícia, boiando na água morna, aproveitando aquele momento raro de lazer e comunhão.
Na orla, Dalcídio, Monteiro e René fazem a vigilância, andando discretamente de um lado a outro.
– O Dalcídio parece um Buda com aquele calção largo – observa Vinícius, mantendo seu corpo bem próximo ao de Magda.

– Ele lembra mais um búfalo almiscarado – apregoa Deigles, o peito musculoso e liso e o abdômen bem definido, chamando a atenção das mulheres.
Ivone não tira os olhos dele. Elizabeth fica incomodada.
Jardel apoiou-se num banco de areia e se mantém abraçado à Letícia. Causa estranheza ver o sisudo diretor de patrimônio tão à vontade, a feição descansada; só de calção de banho, abraçado a uma mulher. Jardel perde o estigma de sobre-humano.
Ele se revela surpreendentemente agradável, acolhedor, bom ouvinte.
– O Dalcídio gosta de praia – revela Jardel. Foi difícil convencê-lo a deixar Fernando de Noronha.
– Seção nostalgia, Jardel? – cutuca Deigles.
– Às vezes reavaliar as opções da vida é saudável.
– Acho que o senhor fez uma opção certa – entremete-se Magda. Esse casamento fez bem ao senhor.
– É mesmo, Magda?
– A Letícia deixa o senhor zen.
Jardel sorri – Essa praia e essa vida mansa é que são responsáveis por essa transformação. Aliás, Deigles, quanto isto custou?
– Não vai estragar o meu dia, falando de dinheiro.
– Está bem. Por que vocês não vão mais adiante dar um mergulho – propõe para as "crianças".
– Vamos lá pessoal! – comanda Marcos.
– Vá também, Letícia, por favor – pede o marido.
Letícia acompanha o grupo. Apenas Deigles, Cesário, Vinícius e Jardel permanecem na borda da piscina natural.
– Enviaram o Evandro?
– Não deve se preocupar com isto, agora – sugere Deigles. O Gerd e o Jow estão cuidando de tudo. Curta a sua lua de mel.
– Lua de mel supervisionada?

– Cumpriu suas obrigações maritais direitinho? – demanda Deigles. Trouxe mais dois envelopes de Viagra por garantia.
Cesário e Vinícius riem.
– Cumpri direitinho, não se preocupe. E o Lucas, ficou com quem?
– Deixei-o com o Péricles – informa Cesário.
– Não se deve confiar nele – avisa o guardião com o dedo da mão direita em riste. Todo cuidado é pouco.
– E como pode estar tão certo de que ele servirá para o próximo trabalho de campo? – pergunta Vinícius.
– Ele é ambicioso. Vai funcionar – preconiza Jardel esperançoso.

•

Na bancada do lapidário estão pequenas gemas.
Zofar aguarda a avaliação final.
O especialista meneia a cabeça após uma análise minuciosa.
– Tem certeza de que esta peça foi cortada?
Zofar gagueja tentando esmerar-se no francês.
– Aaah! Trata-se de uma lapidação experimental.
– Muito pequena. Parece diamante sintético. Não tem cor nem pureza adequadas. O brilho está gorduroso.
Zofar suspira contrafeito e pega a amostra de volta.
Sai da joalheria e caminha até o seu automóvel.
Do outro lado da rua, Evandro flagra-o em sua máquina fotográfica. Quando ele se afasta, Evandro entra na loja e aguarda para ser atendido. O joalheiro não parece estar com pressa.
– Bom dia! Estou procurando um presente minha esposa – inicia Evandro num francês perfeito. O senhor tem alguma sugestão?
Acautela-se ao perceber a câmera fotográfica a tiracolo.
Deve ser algum jornalista. Será mais prudente atendê-lo com cortesia.
– O que o senhor tem em mente?

– Talvez aquele bracelete de ouro – indica Evandro.
O homem destrava o mostruário e coloca o bracelete sobre a bancada para que Evandro avalie.
– O senhor trabalha para que jornal?
Então foi isso que o levou a mudar de atitude.
– Sou spotter.
– Ah! Sei. Há muitos spotters aqui em Genebra.
– Aquele senhor que acabou de sair daqui comprou alguma coisa?
O suíço fica ainda mais reticente – Não.
Evandro desvia o olhar do bracelete e fita o homem.
– Pode me dizer o que ele veio fazer aqui. Levo o bracelete.
O homem pega o bracelete de volta e recoloca sob o vidro.
– Há outras joalherias à sua esquerda.
– Obrigado – finaliza Evandro, desistindo de pressioná-lo.
O joalheiro aguarda que Evandro se distancie.
Quando tem absoluta certeza de que ele não está mais por perto, telefona para o celular de Zofar.
– Monsieur Zofar? É Philippe. Assim que o senhor deixou a loja, um rapaz esteve aqui fazendo perguntas.
Zofar para o carro – Que rapaz? Que tipo de perguntas?
– Parecia latino. Apresentou-se como spotter. Carregava uma câmera com uma objetiva grande. Ele não comprou nada.
– Você fez muito bem em me ligar. O senhor Fernando apreciará isto. Se ele tornar aparecer, avise-me.
Zofar fica muito preocupado.
Doravante tem de ser ainda mais cuidadoso.

•

Erick e Sirlei mamam simultaneamente, um em cada mamilo.
Simone sente dores enquanto os bebês sugam o leite vorazmente.
Quando um descansa, o outro volta ao ataque.

Quando as crianças sentem-se fartas Simone resguarda os seios.
Beto pega Erick e coloca-o no berço. Retorna e pega a menina.
– Ah! Meu Deus! Eles terão de tomar mamadeira.
– Mas você ainda tem bastante leite, Si.
– Não estou suportando!
– A mamãe não está aguentando, sua gulosa! – conversa Beto com a filha.
Ela resiste ao berço, começando a chorar com força.
– E outra coisa, ela nunca quer ficar no berço, só no colo.
Beto toma-a nos braços e passa a chacoalhá-la.
– Minha princesinha não quer ficar nesse berço feio, não é?!
Simone perde a esperança de conseguir a cooperação do marido para não mimar tanto os gêmeos.
O telefone toca. Simone tem de se levantar para atender.
– Alô? Está sim. É para você.
Beto passa a filha para Simone e escuta o que Joelmir tem a dizer.
– Estou sabendo, sim senhor. Tem de ser agora?
– Mandarei uma babá para auxiliar a Simone – promete o diretor financeiro da Petra ao ouvir as justificativas de Beto.

•

Lucas está admirado com o tamanho do clube.
Péricles mostra-lhe a pista de atletismo.
– E vocês treinam aqui? Nem dá para acreditar. Sempre estive curioso em como o Jardel mantinha aquela boa forma.
Péricles limita-se a fitá-lo.
– Você fala?
Péricles não responde. Lucas segue-o até o conjunto aquático composto por duas piscinas externas, uma delas própria para saltos ornamentais.
Beto chega e cumprimenta Lucas.

– Nossa! Que piscina gigante!
– Ele quer saber como o Dr. Jardel mantém a forma – debocha Péricles.
Beto dá um tapinha no ombro de Lucas – Você logo descobrirá.
– Que bom que você chegou! Esse sujeito não fala quase nada.
Beto ri – O Péricles é assim mesmo.
Continuam caminhando lado a lado. Pássaros de várias espécies gorjeiam aqui e acolá em meio à copa das árvores e as folhagens.
– Ali ficam as quadras de tênis, duas de saibro e duas de padle.
O trio entra num dos prédios.
– Temos quadras de vôlei, basquete e handball.
– Quando é que vocês jogam? Está tudo vazio!
– Esse é o problema: a gente treina antes de ir trabalhar.
– Bem como eu não trabalho, vou poder aproveitar à beça!
– Acho que você está meio equivocado.
Cícero encontra o grupo – O Dr. Joelmir os aguarda no auditório.
Todos seguem Cícero.
Joelmir está à frente com a exposição preparada no data show.
As luzes se apagam. A primeira projeção é de um canavial.
– Este é o nosso novo trabalho de campo. Com o incentivo à produção de álcool hidratado e anidro, a indústria sucroalcooleira teve o seu auge em torno de 1979.
Joelmir movimenta-se e a sua sombra encobre temporariamente a imagem projetada.
– O Proálcool representou o maior programa público mundial de combustível alternativo. Muitas novas destilarias e usinas foram instaladas.
O diretor financeiro recua para o lado.
– Mecanizaram algumas etapas do corte de cana, mas ainda não podem prescindir totalmente de mão de obra.
O slide seguinte é de um cortador de cana com suas roupas típicas.

– Essa atividade exaustiva é realizada a céu aberto, com essas roupas que vocês estão vendo. Para cortar um feixe de cana são necessários cinquenta golpes. Se a cana estiver em pé.
As luzes se acendem. Jow faz uma pausa proposital.
– Inicialmente tínhamos pensado em enviar oito pessoas, mas resolvemos reduzir para seis. Vocês terão de adquirir resistência física para suportar oito a doze horas diárias desse trabalho por cerca de uma semana.
Bira comenta em voz baixa com Beto.
– Tô fora! Acabei de me esfolar lá na Amazônia.
– Eu vou dizer quem está no projeto: Beto, Ugo, Murilo e Lucas.
– Do que ele está falando? – pergunta Lucas para Beto.
Beto não responde.
– Não queremos ninguém morrendo de exaustão por lá.
– Deve ser uma piada! – exclama Ugo.
– Por debaixo dessas roupas vocês carregarão soro fisiológico – acrescenta o doutor Frederico, que até então, apenas acompanhava a exposição de Joelmir.
– Quem eu citei pode pegar uma muda de roupa de cortador de cana para experimentar – ordena Joelmir, descendo em seguida do tablado para conversar reservadamente com Olson.
– Posso saber o que tá rolando? – pressiona Lucas curioso.
Beto pousa a apostila no colo – O Jardel salvou a sua vida, não foi?
– Como você sabe?! Ele andou espalhando isto pra todo mundo?
– Ele vai cobrar com juros e correção, sacou?
– Você tá querendo me dizer que vou ter de entrar nessa jogada?
– É isso aí!
– E o que eu ganho com isso?
– Se corresponder à confiança dele, ele sabe recompensar. Hoje é um canavial, amanhã pode ser a Suíça.

•

Evandro dá outro banho químico no filme e coloca as fotos para secar.
Deixa a sala escura improvisada e vem para a sala de estar.
Belisca alguns chocolates enquanto tenta montar o quebra-cabeça.
Os corpos chegam e seguem para um necrotério de onde são retirados por um instituto de pesquisas médicas. Parece tudo legal. O funcionário da alfândega não foi subornado. E quanto aos diamantes?
Zofar tentou negociar diamantes com o lapidário.
De repente, Evandro tem um insight.
Ele pega as fotos, agora secas, coloca num envelope, arruma suas coisas e desce para fechar a conta.
O recepcionista segue todo o procedimento de praxe, checando o consumo do frigobar, o depósito. Evandro paga e vem para a rua.
Está ventando muito. Com dificuldade ele entra no táxi.
Poucos minutos depois, um carro estaciona em frente ao minúsculo hotel e dois homens altos saltam dele.
Dirigem-se à recepção e mostram uma foto de Evandro, flagrado próximo ao terminal de cargas do aeroporto.
O recepcionista lamenta. Monsier Silveira acabou de partir.
Os dois homens retornam para o carro que os aguarda.
Um deles ajeita a arma com silenciador.
O comparsa telefona para Zofar.
– Sigam para o aeroporto. Chequem voos e conexões para o Brasil.

•

Lucas sua debaixo daquele traje medieval. Não sabe o que é mais difícil de suportar: as mangas compridas, as perneiras de couro sobre a calça grossa de brim ou aquele lenço sufocante e chapéu. Mal pode se divisar no espelho. Arranca o lenço.